


O grito

Frederico Gondim *

Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

 <https://orcid.org/0000-0003-1223-7825>

Recebido em: 1, fev. 2024. **Aprovado** em: 28, fev. 2024.

Como citar este artigo:

GONDIM, Frederico. O grito. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 13, n. 1, p. e2192, 2024. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10728450>.

Incrédula com todas as suas vidas, fechou a galeria mais cedo e saiu às pressas. Dirigiu até o ponto mais alto da cidade, de onde tinha uma visão geral das suas histórias. Da ponta, desacreditou: como raios isso é possível? Os primórdios dos quais não guardava memórias claras e, com a claridade – sua primeira amostra de epifania a contragosto – seguiu criança, filha, amiga das tias na escolinha, cristã de acordo com os pais, adolescente, aluna sonhadora que não queria decidir o futuro, prima ausente, namorada impecavelmente maquiada, pecadora, fugitiva (de casa), esposa sem saber como, divorciada daquele lixo antes dos 20, apaixonada pelo Freddie Mercury à distância, mãe solo de Sandra Rosa, sem tempo para maquiagem, professora de espanhol sem carteira de trabalho, fã de Madonna e Cyndi Lauper, tatuada, excomungada depois de uns pegadas com uma freira, adepta do budismo, modelo para uma amiga que pintava nus, acadêmica desencantada, bruxa, poeta não publicada, vegetariana, mãe de *pet* (na época, não chamavam assim), jubilada, carnívora após recaída, professora de arte com argila pela tarde, cantora de bar pela noite, mãe preocupada 24 horas por dia, plantadora de árvores, maquiada mas só o básico, vegetariana de novo, talvez antiquada para rock, sem muita paciência para jazz, tiete de cantoras da MPB, recepcionista de “boate GLS” (hoje ri da sigla), apaixonada por Helô cujo Gabriela Sabatini chegava dançando antes da moça, sambista apoiada pela filha que frequentava a roda, zen, *yogi* relapsa, ligeiramente *new age*, avó no susto aos 37 (aliviada ao descobrir que o genro era gente boa), mãe da mãe na reta final, bisa ou trisa ou tetravó de felinos, vegana, acadêmica encantada com a

*
 fredericotdg@gmail.com

segunda chance, poeta finalmente publicada, apaixonada por Amália da pós-graduação (pena que o doutorado sanduíche mandou Amália para outro lado do planeta), apaixonada por Maria Zilda (orientadora de Amália; pena que a garota voltou sem avisar), formada em Artes, escritora de artigos acadêmicos (nunca entendeu como, mas uma colega astróloga tinha certeza de que era o ascendente em Touro), ateia demasiado ateia, apaixonada por Cristina (empresária portenha que pegou um ônibus errado e se encantou por sua cidade), Mestre em Artes, esposa de “Cri-tina”, sócia proprietária de uma galeria no centro, e mais recentemente dona de um cartão do idoso que já lhe rendeu assédio de um pré-adolescente, segundo o qual ela estava até bem conservada para quem estacionava em vaga de vó.

Ao mesmo tempo, ela sabia que tudo isso era uma gota no oceano. Encarou com assombro suas vidas retraçadas, embora não soubesse exatamente quais trechos da cidade conseguia ver dali. Ficou meio tonta com o vento e a situação, deu uns passos para trás antes que virasse matéria de jornal. Parecia conhecer um pontinho ali, outro mais além, era ruim de direção. Prestou atenção naquele pequeno mundo. Não sabia para que lado estava o bairro onde nasceu, mas talvez aquela luzinha vermelha piscando lá atrás fosse a torre que ficava na frente da casa daquele maluco que uma vez se apresentou na área externa da galeria. Quando ela se deu conta, o rapaz estava ateando fogo no próprio cabelão de Cher dos anos 70, e rodopiava, cantarolando alguma coisa que o aplicativo do Google Tradutor desistiu de entender. Ela, em parafuso; os convidados tentando captar o conceito; Cristina, pouco impressionada, sugeriu que se tratava de uma língua ancestral, *lovecraftiana*. Ela, segurando o riso e querendo chorar, estava pronta para recorrer ao extintor da galeria a qualquer momento e correr da polícia, como fugiu de casa, se necessário.

Pegou um espelhinho e verificou os olhos fundos, por trás dos óculos. O contorno simples, só lápis mesmo, já cedendo e sumindo. Olhos cansados. Contentes em algum sentido, mas cansados. Era da idade, claro, mas, além do óbvio das causas naturais, era também o custo de suas vidas; das decisões e pessoas que ela trouxe por tantas avenidas ou subindo contramãos; dos passados presentes; dos sonhos que ainda tinha e teria até o último segundo. Impressionou-se com as contradições que carregava na memória e no corpo que começava a perder peso, e a pesar sobre si próprio.

Quis gritar, mas antes sorriu para o espelhinho. Lembrou-se de que havia comprado uma garrafa de suco de uva três dias atrás e a esquecido no carro, ao retirar as compras. A garrafa estava rodando para cima e para baixo no porta-malas há um tempo. Cristina não deu falta, então, por que não? Não era um *pinot noir*, contudo servia para essa confusão apoteótica. Além do mais, a marca não era daquelas que colocavam pessoas para trabalhar como escravos, ela se certificava desses detalhes antes de financiar qualquer coisa. Pegou o suco, imaginou o vinho. Abriu e entornou a garrafa. O fato de não estar numa temperatura favorável quebrava um pouco o clima, mas, no fim das contas, aquilo não significava patavina, considerando que o evento era só dela e da ventania. “Ventania” era uma palavra engraçada.

Espelhava muito bem o desgrenhamento existencial, se é que isso fazia sentido. Ventania. E Bethânia sussurrou por sua língua: “Lia foi sambar só, foi sambar só, Lia foi sambar só, na ventania...”

na ventania na ventania na
ventan... só...

ssss

óóóó

ssshhh...

sssilêên... ssss...

ah! remoinham visões e girassóis
de Rosa crisântemos não
desencontrados nas contracorrentes
os ventos, sentes?
oras, desarranjas oníricas comucópias
pressentes!

(como a dissolução das delícias terrenas
e ao nada desaba o tríptico dos céus)

silêncio só

solitário esse mergulho
pelo silêncio no silêncio
no silêncio do silêncio

(não costumam constelar por breu hadal
corpos celestes mas
luz um espelhinho)

e nas vísceras há
o grito e sssshhh mas vai, vai, vai
descamufiar já rugidos! já
que o grito há e
o grito é! célula a célula leoa és!
mães filhas
nascentes das vermelhas granadas
desmoraamentos soterramentos

noutras noites pequenas mortes
horas safiras noutras manhãs

águas-vivas de primavera, sonhos onde
das terras duras dragas doces minas d'água
dedos convictos encharcados
do vulcânicoração
ave lava alça teu voo
das pedras alça teu voo do pó
de carne
de mulher de
alegrias, apesar

na ventania

Seus olhos mudavam de cor conforme a lembrança, ventando-a por todas aquelas ruas, e mais além; para estradas que havia cruzado com os pais há décadas e décadas e das quais só agora se lembrava – os mata-burros aceleravam o seu coração de menina, e ela tapava os olhos que saltaram do azul para o verde, em alguma idade, e depois ria inteira: olhos, boca, coração. Seguiu com os ventos para outros Estados e gentes, cosmovisões; e lá longe, onde não alcançavam mais os olhos – restando-lhe imaginar – viajava por céus sem nuvens, mistérios marinhos. Emergia em outras casas de amigas e de desconhecidos, em outros países, em busca de ar. Recordava-se de como a vida era convite ao desapego, e voltava à sua casa, naquela sensação que experimentou tantas vezes, ainda criança, de que sua alma (ou o que quer que fosse) retornava, em mansa queda, ao seu corpo, até se assentar. Casa...

Que deve ser bem ali. Sim, talvez ali. Quer dizer, se o apartamento do maluco está daquele lado, é provável que, ao subir sete quadras – agora não sei se para a esquerda ou direita, ou para cima ou... ah! olha que cabeça a minha, já ia dizer “subir para baixo” – consigo chegar ao apartamento meu e de Cristina. Quando o elevador pifa, são sete andares de escada para o nosso céu, e mais sete para a vida de sonhos lá embaixo. Nossa casa. É a mãe de quem fugi e depois tive que maternar com as estratégias que havia aprendido com minha pequena. Pois nossas mães e pais voltam a ser criança. Nossa casa. É a filha que hoje sabe tudo o que eu só descobri quando ela nasceu. Elas moram lá em casa, porque moram aqui em mim.

Fora da bolsa, carrego muito mais: a consciência de uma imensidão por tanto tempo subestimada. Creio que estou pronta para ser vulnerável sem acatar o peso das plumas que parecem decorar essa palavra. Hora de ser ave que voa sem pressa entre os torvelinhos de homens enfezados, aprendendo com as flores a ser também nuances secretas; acatar as estradas, ora expostas, depois submersas, porque nem toda estrada existe para ser caminhada – nem mesmo sobrevoada – mais de uma vez. Eu quero a partir de agora ver o encanto no desencanto que estigmatiza cada trivialidade que passa despercebida. Minhas tantas memórias são contradições, mas quero, quero sim prestar mais atenção às plantas, deixar que os pequenos insetos caminhem sobre os meus dedos e notar suas rotas e prioridades. Quero entender melhor como cada um dos fragmentos de outras galáxias que suspendo na galeria me convoca aos seus mistérios. Eu quero transitar por amplos multiversos que esse microcosmo singelo no centro da cidade carrega dentro da barriga, antes de cada desapego. Quero aprender a achar os medos fascinantes, e depois abri-los, como uma daquelas romãs que jorram com orgulho os seus rubis em direção às paredes brancas da cozinha de um desavisado.

Eu quero que nenhum burocrata kafkiano entenda a minha alegria.

Uma mensagem recebida de Cristina no *whatsapp*: “amor cadê vc?” Um instantinho só. Um instante necessário. Não se preocupe, não houve nenhum problema na galeria. Sim, verifiquei o cadeado três vezes, e ele travou como deveria. Não, nenhum artista apareceu, querendo saber quantas pessoas experimentaram um curioso lampejo diante de seus interiores mágicos. Não, ninguém tentou surrupiar nada e nenhuma senhorinha desmaiou na série das grávidas nuas. Um instante.

Olhou o despenhadeiro. Olhou a cidade silenciosa. Silenciou o celular.

Fechou os olhos

Puxou o ar



e foi soltando

bem

bem

de

va

g

a

r

puxou

de novo e

GRITOU!